

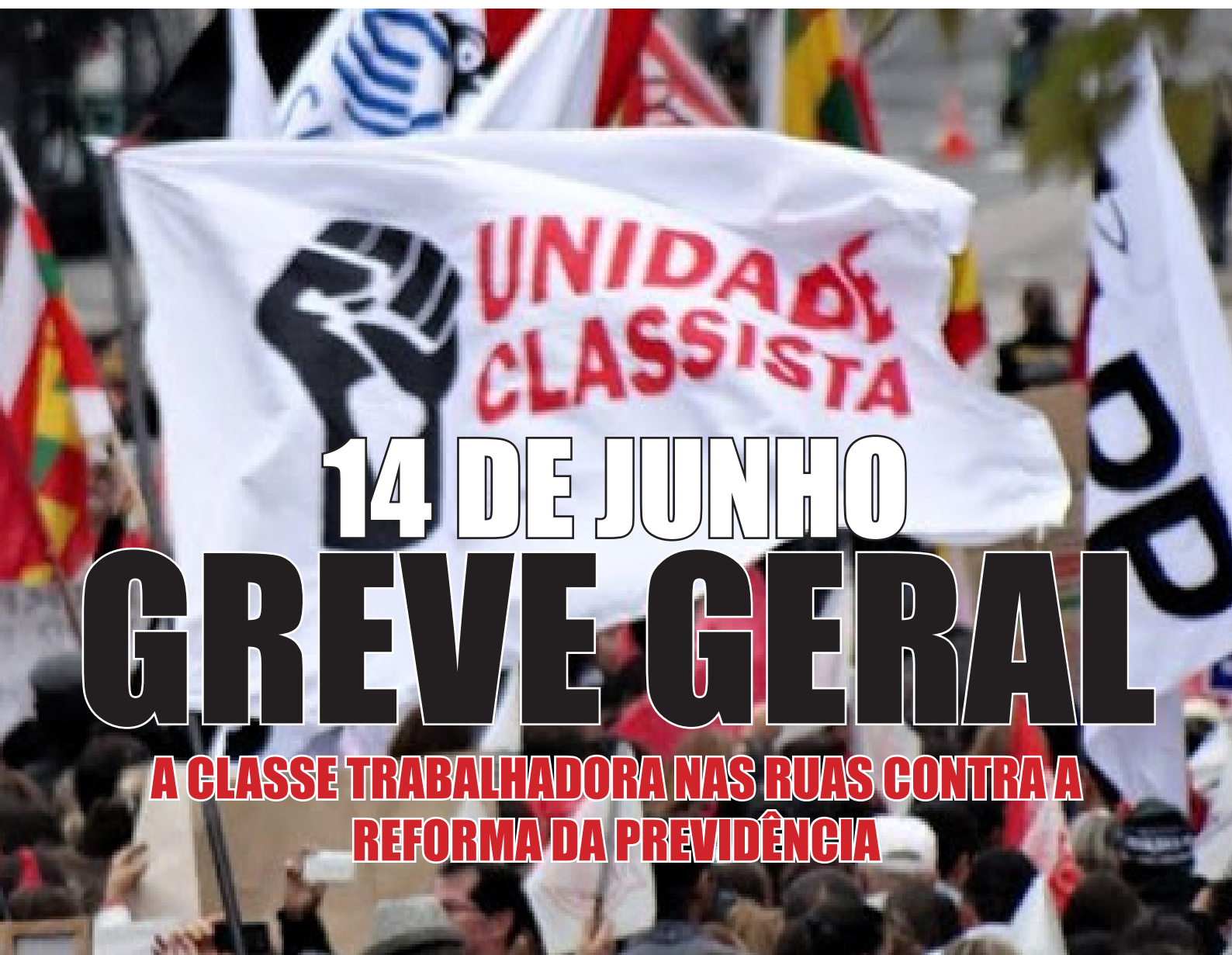


JORNAL DA **UNIDADE CLASSISTA**

UNIR AS LUTAS PARA EMANCIPAR A CLASSE



Nº 04 JUN/JUL 2019



14 DE JUNHO

GREVE GERAL

**A CLASSE TRABALHADORA NAS RUAS CONTRA A
REFORMA DA PREVIDÊNCIA**

**MILHARES NAS RUAS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA
O FRACASO DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA PELO MUNDO
FUNDAMENTOS DA MILITÂNCIA SINDICAL
NÃO AS PRIVATIZAÇÕES DOS CORREIOS E DA PETROBRAS!**

CONSTRUIR A GREVE GERAL PARA BARRAR A REFORMA DA PREVIDÊNCIA E REORGANIZAR A CLASSE TRABALHADORA!

O balcão de negócios da burguesia funciona a todo vapor, a mídia promove o programa econômico do governo escancaradamente, os cortes no orçamento da educação anunciados, mesmo após dois dias de manifestações e greves em centenas de cidades estão mantidos, os acordos sobre o texto do projeto de emenda constitucional que pretende destruir nosso sistema previdenciário e implantar o sistema de capitalização estão sendo costurados no congresso. Em breve virão as privatizações e a ampliação da retirada de direitos trabalhistas por meio da carteira verde e amarela.

A correlação de forças entre trabalho e capital nas duas câmaras federais, nas assembleias legislativas, e em todas as esferas do poder executivo, é amplamente desfavorável aos trabalhadores. O saldo das últimas eleições tem sido, na maioria dos casos, de sucessivas derrotas e a classe trabalhadora encontra-se tão gravemente desorganizada, que setores da extrema direita já disputam e dirigem alguns sindicatos.

Aos trabalhadores, não há outra alternativa para barrar o projeto da reforma da previdência, e iniciar as lutas de resistência contra todos os demais ataques, que não passe pela construção de um movimento grevista de imensas proporções, que paralise a produção, o comércio, os serviços e a circulação de mercadorias.

A construção da Greve Geral Contra a Reforma da Previdência, de 14 de junho, marcada pelo Fórum das Centrais Sindicais, é tarefa mais do que necessá-

ria e bastante complexa, pois apesar do ataque frontal aos interesses dos trabalhadores contidos no projeto da reforma, o peleguismo, o banditismo e o apassivamento promovido pelas políticas de conciliação de classe difundidas no interior dos sindicatos e movimentos sociais, nos últimos anos, além das diversas formas de alienação e opressão próprias da sociedade capitalista, dificultam a mobilização dos trabalhadores.

Não há como reverter um quadro tão desfavorável sem ações políticas bem planejadas, que extrapolam a mera intervenção das direções sindicais junto às bases, pois no caso da maioria delas, este movimento significa um retorno ao lugar de onde saíram há muito tempo. Neste contexto, é necessário intensificarmos os esforços e transformarmos os problemas em oportunidades, para desenvolver consciência de classe e organização de trabalhadores e estudantes.

Experiências exitosas como a criação dos TERRITÓRIOS SEM MEDO, dos FÓRUMS SINDICAIS, POPULARES E DE JUVENTUDE, dos FÓRUMS DE LUTA EM DEFESA DAS APOSENTADORIAS e das FRENTE SINDICAIS CLASSISTAS, precisam ser multiplicadas. Nestes espaços, ao mesmo tempo em que convivemos com militantes de diversas organizações sindicais e populares, dialogamos com trabalhadores e estudantes que participam pela primeira vez de ações organizadas, e que estão tendo o primeiro contato consciente com a luta de classes. É principalmente daí que deriva sua importância.

A Greve Geral de 14 de junho, que já é produto de uma ação mais consciente e organizada, será fundamental na luta contra a reforma da previdência e nas próximas lutas de resistência, e se bem trabalhada, poderá também potencializar a construção das bases para a reorganização da classe trabalhadora!

Avante camaradas!
Construir a Greve Geral!
Unidade Classista, futuro socialista!





MILHARES NAS RUAS EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

Em meio ao caos social e político que o país se encontra neste período histórico, o mês de maio de 2019 foi marcado por duas grandes agendas nacionais de lutas em defesa da educação pública: o 15M, inicialmente convocado pela CNTE e unificado por diversas entidades sindicais e estudantis, que levou às ruas de todo o país manifestações massivas na Greve Nacional da Educação; e o 30M, inicialmente convocado pela UNE e incorporado por outros setores, expressou a continuidade das lutas sociais em defesa da educação pública.

As duas agendas nacionais tiveram como estopim os cortes realizados pelo governo federal nas verbas para a educação, especialmente nas universidades públicas, cujos desdobramentos apontam para a inviabilidade de manutenção das atividades nas instituições federais de ensino e também da Educação Básica em geral.

A cada ano, pelo menos desde 2013, a política de cortes orçamentários na educação tem sido implementadas pelos diferentes governos sob a justificativa do Ajuste Fiscal. Ou seja, retirar recursos dos direitos sociais e do serviço público para destinar à iniciativa privada e ao mercado financeiro para favorecer aos grandes ricos que ampliam suas riquezas, enquanto o povo trabalhador convive com a degradação das condições de vida e trabalho.

Além disto, os cortes do governo Bolsonaro também tem como motivação dois elementos importantes:

a) o mecanismo de chantagem mentirosa junto às massas para justificar as contrarreformas em curso. Não é por outra razão que os representantes do governo e o próprio presidente espalham falsas informações de que se a reforma da previdência não for aprovada, não terá recursos para a educação, saúde, assistência e não irá pagar os salários dos servidores públicos.

b) a coerção às universidades fantasiando estas como inimigas do povo. Desde a campanha eleitoral de 2018, Bolsonaro tem operado diversas medidas contra as universidades, inclusive disseminando mentiras sobre a formação dos estudantes, a produção científica e a o papel destas instituições no contexto social brasileiro. As declarações do Ministro da Educação de que só tem "balbúrdia e gente pelada" nas instituições expressam o total desconhecimento da realidade de quem deveria coordenar as políticas educacionais. Ao anunciar, por exemplo, a aberração de que o governo iria cortar recursos dos cursos de ciências sociais e humanas, demonstra também que estas atitudes têm caráter ideológico burguês, próprio de um governo subordinado ao capital, aos empresários, aos banqueiros e ao imperialismo norte-americano.

Outra expressão do que representa o governo ultraliberal e fascista de Bolsonaro é que enquanto as ruas eram ocupadas pelas manifestações sociais no 15M, o presidente que estava nos EUA entregando a riqueza brasileira para o governo Trump, afirmou em entrevista que os manifestantes eram "idiotas úteis" que não sabiam sequer fazer cálculos matemáticos.

Ao identificar estudantes, trabalhadores e trabalhadoras da educação como inimigos, esta se tornou uma fúria para incendiar novamente as ruas do país. De norte a sul, milhares de pessoas expressaram a força do povo trabalhador que vive as mazelas da crise do capitalismo e sua indignação contra o governo. As lutas contra os cortes, as chantagens e as medidas que nada servem a classe trabalhadora, podem levar a cabo uma jornada de lutas sociais que se intensifique no próximo período na medida em que as direções políticas das entidades classistas se coloquem ao lado dos trabalhadores, trabalhadoras e da juventude, convocando novas agendas nacionais de luta e nova Greve Geral para frear a engrenagem que destrói o futuro da juventude e a vida da classe trabalhadora.

REFORMA DA PREVIDÊNCIA, MAIS UM ATAQUE DOS PATRÕES E GOVERNOS CONTRA OS TRABALHADORES

A capitalização é a destruição da seguridade social.

O Sistema de capitalização, proposto como parte da Reforma da Previdência, em que o fundo de aposentadoria do trabalhador é constituído por sua própria contribuição, numa espécie de poupança, já foi implementado em diversos países, sempre como uma solução para resolver o chamado déficit da previdência. Entre os anos de 1980 até 2014, trinta países modificaram seus sistemas previdenciários, parcialmente ou em alguns casos, totalmente,

contudo, até o ano passado, 2018, 16 desses países fizeram uma reforma para refazer a previdência.

"Com 60% dos países que privatizaram aposentadorias públicas obrigatórias tendo revertido a privatização, e com evidências acumuladas de impactos sociais e econômicos negativos, é possível afirmar que o experimento fracassou", afirma o estudo da Organização Internacional para o Trabalho, OIT.

Contudo, nossas vidas não podem ser laboratório para as expe-

rimentações, privatizações, cortes na previdência e desmontes nas políticas públicas por parte da burguesia e seus governos.

Os impactos da reforma trouxeram perdas incontáveis, empobrecimento da classe trabalhadora na terceira idade, depressões e até recordes em taxas de suicídios na terceira idade. Em todo mundo as reversões na capitalização e das reformas na previdência não foi produto do ganho de consciência das elites, mas resultado na luta organizada dos trabalhadores, ainda nossa melhor arma.

FUNDAMENTOS DA MILITÂNCIA SINDICAL: O QUE FAZER? COMO?

Artigo 2: Estou na assembleia do meu sindicato. O que devo observar?

No artigo anterior da série, publicado no nº 04 do Jornal da Unidade Classista, nós demos algumas dicas de como encontrar a sede do seu sindicato e alguns serviços disponíveis lá que podem auxiliá-lo em problemas muito comuns do dia a dia do seu local de trabalho. Mas é importante que você saiba que a função principal do sindicato é garantir melhorias constantes das condições de trabalho, principalmente no que diz respeito a aumentos salariais, dos benefícios (vale-refeição, vale-alimentação, cesta básica, vale-transporte), além de outras coisas como pagamento adequado e regulamentação de horas-extras, etc. Todas essas questões são tratadas nas ASSEMBLEIAS do sindicato, principalmente durante a época da campanha salarial.

A assembleia é a reunião de uma categoria de trabalhadores, organizada pelo sindicato, em que se discutem assuntos relacionados à vida funcional coletiva da categoria, as reivindicações e as ações para a conquista das melhorias. Essas ações não dizem respeito apenas ao que a diretoria do sindicato pode fazer, mas principalmente ao que os trabalhadores da categoria devem fazer para alcançarem suas reivindicações.

A primeira coisa a se observar numa assembleia: a quantidade de trabalhadores presentes. A assembleia é uma discussão coletiva, o ideal seria que todos os trabalhadores da categoria participem. No entanto, pelos mais variados motivos, é impossível que todos estejam presentes. Ainda assim, uma assembleia

muito esvaziada é um sintoma ruim. Se você teve dificuldade em encontrar informações sobre o seu sindicato e as datas de assembleias, muito provavelmente a diretoria do sindicato não está se empenhando o suficiente para atrair os trabalhadores para a discussão.

A forma como é conduzida a assembleia também é algo importante a se reparar. A assembleia sempre é conduzida por uma mesa, composta pelo presidente do sindicato ou pela diretoria. Para que a discussão seja produtiva, os presentes se inscrevem para falar e, muitas vezes, se controla o tempo de fala. Se na assembleia somente a diretoria usa a palavra ou se criam obstáculos para que os trabalhadores usem a palavra, fique atento. Não é um bom sinal.

O momento mais importante da assembleia são os ENCAMINHAMENTOS. E quando são tiradas as tarefas que aquele coletivo de trabalhadores deve assumir para se conquistarem as reivindicações. Uma boa assembleia, bem conduzida, deve produzir encaminhamentos tanto para a diretoria do sindicato quanto para os trabalhadores, que devem se envolver nas atividades propostas. As tarefas para os trabalhadores podem ser simples, tais como levar o boletim do sindicato para os colegas que não foram à assembleia, ou mais complexas, como participar em um piquete ou uma greve.

Lembre-se: quaisquer reivindicações de trabalhadores para seus patrões envolvem LUTAR para conquistá-las, pois os interesses dos patrões são opostos aos dos trabalhadores, ainda que os chefes afirmem o contrário. A assembleia é o momento em que nos reunimos com nossos colegas para lutarmos juntos pelo que queremos. Se a assembleia não reúne os trabalhadores, não os deixa falar e não os envolve nos encaminhamentos da luta, algo está muito errado com a direção do seu sindicato e talvez seja necessário mudá-la.

EXPLORAÇÃO MÁXIMA E ESTADO MÍNIMO O PROJETO DE DESMONTE DO PATRIMÔNIO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS PRIVATIZAÇÕES

A guinada a extrema-direita que o Brasil optou nas últimas eleições em 2018, levou o país a uma radicalização liberal infrutífera que está comprometendo a imagem e destruindo a economia e o patrimônio nacional. Jair Bolsonaro quer privatizar setores estratégicos para a nação, colocando em risco a soberania nacional.

Já foram anunciadas que diversas Estatais já estão na mira do Ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, que já comunicou que existem cerca de 100 estatais que devem ser privatizadas, entregues a sanha de lucro da iniciativa privada e do Capital estrangeiro.

PETROBRAS E CORREIOS NA MIRA

Paulo Guedes falou que o presidente deu sinal verde para o início das privatizações de duas empresas públicas que são estratégicas para o desenvolvimento do país. São elas as refinarias da Petrobras e os Correios. Dois setores estratégicos para o país. Pois são empresas que tratam da comunicação (no caso dos Correios) e da energia (combustíveis).

A ECT vem passando por um processo de sucateamento constante, com o objetivo de justificar a privatização. O clima interno na empresa desmotiva os trabalhadores. Equipamentos sucateados, trabalhadores precarizados, viaturas e transportes quebrados e agências sendo fechadas. Esse é o retrato da tentativa de forçar os trabalhadores a prestar um

péssimo serviço e jogar a opinião pública contra os Correios. No mês de maio e junho, os Correios anunciou o fechamento de 116 agências em todo o Brasil, além do Plano de Demissão Voluntária (PDV), que pretende demitir cerca de 20 mil funcionários.

No caso da Petrobrás e a venda das refinarias, fica óbvio que o interesse é de vender para o capital internacional nossas reservas de petróleo e deixar sobre o controle estrangeiro uma das maiores fontes de riqueza e de energia do país. Segundo Roberto Castello Branco, presidente da Petrobras na atual gestão, "a intenção é vender metade da capacidade de produção da estatal, tendo em vista que podemos arrecadar 15 bilhões com a venda dessas refinarias". Afirmou o ministro em entrevista à Globo News.

STF VOTA CONTRA PRIVATIZAÇÃO SEM APROVAÇÃO DO CONGRESSO

No dia 06/06, o Supremo Tribunal Federal (STF) deu parecer sobre a questão das privatizações, seguindo a decisão do ministro Ricardo Lewandowski, que proibiu a venda de qualquer estatal sem a aprovação da maioria do Congresso. Porém, em contradição com a própria decisão, permitiu a venda de subsidiárias.

A dubiedade da questão, partindo do ponto de vista da classe trabalhadora, é que mesmo com essa vitória parcial para o povo brasileiro, essa decisão não impede o desmantelamento do Estado. Ainda mais sabendo do grande balcão de negócios que é o parlamento brasileiro.